



COMENTÁRIO OCIDENTAL A RESPEITO DA MILENAR PRÁTICA DA ACUPUNTURA

Dr. Paulo Urban

Médico psiquiatra, Diretor Clínico do Hospital Psiquiátrico de São João de Deus de São Paulo de 1994 a 2000. Psicoterapeuta e Acupunturista. Articulista da Revista Planeta desde maio/2000.

Vivemos em nossa época, no Ocidente, cada vez mais a sensação de estarmos às portas de um Templo sagrado que se faz representar pelos mistérios da sabedoria oriental.

Faz-se oportuno considerar que estas linhas que escrevo, embora concordantes com o nosso tempo, metaforicamente se associam à enigmática figura do deus Jano da mitologia romana, sem correspondente em outras mitologias indo-européias, representado ora de face imberbe, ora com longa barba, mas sempre com dois rostos, opostamente voltados um ao outro. Dada à sua particularíssima dupla imagem, Jano era venerado como o guardião de todos os caminhos, emprestando seu próprio nome aos passeios públicos romanos, conhecidos por “jani”, até porque, tendo uma de suas faces voltada para trás, sabia reconhecer de tudo a sua origem, ao passo que, com a outra, prenunciava aos homens o futuro que podia vislumbrar à sua frente. A esta singular capacidade, a de saber do passado e do porvir, associava-se o poder de abrir e fechar todas as portas, facilitando as decisões humanas, permitindo a cada um dos indivíduos que nele se inspirasse, iniciar ou encerrar projetos importantes em suas vidas. Em virtude desta sua aparente “dupla personalidade”, recebia dos antigos dois epítetos em seu nome, Jano Patulcius, ou aquele que “abre”, e Jano Clusius, aquele que “oclui”, pelos quais relacionavam a divindade às guerras, fazendo com que as portas de seus santuários permanecessem diuturnamente abertas enquanto estas durassem, somente podendo novamente ser cerradas após seus términos, já que Jano era o principal responsável pelo deflagrar das mesmas, posto que tutelava

todos os começos, além de ser o único que com justa antecedência podia enxergar a proximidade do advento de novo período de paz.

Peço por tudo isso desculpas, já que estou indo buscar exemplos no universo mitológico ocidental para introduzir um assunto relacionado à cultura do Oriente. Mas não poderia fazê-lo de outra forma, posto que vivendo e sentindo à maneira própria de um ocidental, repetiria a impropriedade de tantos que já empreenderam seus vôos pelas terras da sabedoria oriental nas asas da presunção de compreendê-la segundo moldes que não sejam os nossos próprios referenciais. Quero dizer com isso que qualquer tentativa nossa de penetrar na essência daquilo que se imagine seja a maneira oriental de viver a vida, esbarra indubitavelmente numa barreira intransponível, a mesma que torna impossível nos separarmos de nosso inerente espírito ocidental, base a partir da qual estamos habituados a compreender todas as coisas, e segundo a qual sabemos nos expressar. Isto não quer dizer, todavia, que não estejamos aptos a uma honesta aproximação do espírito oriental, bem como ao reconhecimento também indubitável de seus valores, tão díspares daqueles enaltecidos por nossa ocidental cultura, que costuma desprezar toda e qualquer experiência que não se permita captar pela Razão, ou que não se deixe manipular por seu notável instrumento de conquista, a Ciência, decorrente de seu próprio exercício e desdobramento.

Também não desejo cair no erro que seria admitir a ciência como prerrogativa do mundo grego, e a partir de então ocidental. Certo é que a lógica se estrutura com o sábio Aristóteles (384-322 a.C.), e desemboca vitoriosa no XVII, sob a roupagem de “ciência moderna”, com a revolução proposta por Galileu, que reformulava o Universo conhecido, justificando matematicamente a teoria heliocêntrica de Copérnico, que há um século vinha sendo ignorada.

A crítica, todavia, de que uma civilização tão próspera e tão prática como a chinesa não tenha sequer desenvolvido uma ciência é totalmente infundada, própria do afoito modo de concluir as coisas predominante no espírito ocidental. Ocorre que a “ciência” chinesa tem seus princípios embasados em natureza outra, em mundo diametralmente diverso daquele de nossa requintada lógica. Expressão máxima, por exemplo, desta outra concepção científica, a de buscar nos eventos todos da natureza uma relação

que não seja a de causa e efeito, mas sim de sintonia, encontra-se permeada por toda a obra milenar intitulada “I Ching”. Tal termo, sintonia (junto, unido; e pressão; ou seja, aquilo que ocorre de modo a exercer uma mesma influência num dado momento), não obstante seja limitado para expressar a abrangência do que vem a ser a tal “relação entre todas as partes”, independentemente da questão cronológica que acompanha cada evento, dá-nos alguma idéia do que seja a correlação que percebemos deva existir entre os fenômenos da vida, sem que obrigatoriamente tenham estes fenômenos de estar ligados entre si pela estreita relação que nos permite inferir a lógica racional, com sua preocupação exclusivista em encontrar o porquê de cada coisa, como se toda e qualquer ocorrência dependesse unicamente de um desdobramento em cascata. Claro está que a bem desenvolvida ciência ocidental acha-se coberta de glórias, mérito de seu eficiente método de investigação. Desnecessário citar aqui os avanços tecnológicos a melhorar nosso padrão de vida social, a conquista do espaço bem como a evolução das idéias a respeito do Universo, ou mesmo as descobertas no âmbito da medicina genética que estão a revolucionar nossa época. O problema de nossa ciência nem considero esteja na velocidade com que se vê capacitada a alterar o mundo em que vivemos, senão embutido em seu próprio cerne, quando resolve reivindicar para si a única maneira oficial de se compreender tanto a vida quanto os fenômenos que dela fazem parte. Seus paradigmas são tão fortes que qualquer nova idéia capaz de questioná-los é primeiramente vista como “um absurdo” científico, isto quando já não seja de imediato desconsiderada. Creio ainda que o mais estatutário desses paradigmas seja sua obrigação de pensar qualquer fenômeno exclusivamente segundo a já citada relação de causa e efeito.

Dessa forma, para que possamos introduzir nesse contexto algo do que venha a ser o pensamento “científico” chinês, tentando explicar um pouco melhor a já referida idéia de que há sem dúvida, nos moldes desta forma de pensar, “uma relação intrínseca entre todas as partes”, que não seja puramente causal, recorramos a uma modesta exploração do mecanismo de funcionamento do “I Ching”, também chamado de “O livro das Mutações”, que se revelará como um apropriado exemplo. O que conhecemos dessa obra, cuja origem provavelmente precede a dinastia Chou, que reinou na China de 1150 a 249 a.C., o temos devido ao respeito que K`ung-tzu, cujo nome latinizado é

Confúcio, nos anos quinhentos a.C., pregava em relação aos ancestrais. Valorizando com profunda reverência seus antepassados e primando por sua sabedoria, teria sido Confúcio aquele que aprimorara o texto primitivo deste antiquíssimo livro, permeando todo ele com sua austera ordem moral a propor em seus ensinamentos devotados à juventude de todas as classes sociais, que o respeito e a lealdade aos antigos eram essenciais ao bem-estar da sociedade e do indivíduo. Defendendo que a saúde tanto quanto a experiência religiosa estivessem atreladas a um código de ética para com nossos semelhantes, preocupou-se em reunir ele próprio os textos clássicos que contivessem a Tradição desse espírito de sabedoria. Deve-se ao mestre Confúcio também a preservação do “Nei Ching Su Wen”, o mais importante tratado chinês de medicina interna, do qual falaremos mais adiante. Há polêmica, é verdade, se teria Confúcio aprimorado ou mesmo acrescentado algumas partes ao original “I Ching”; certo é que seu pensamento permeia boa parte do conjunto. Sabe-se, entretanto, que o sábio não se preocupou em escrever seus próprios ensinamentos; embora fosse apaixonado pelas pesquisas e preservação de documentos históricos, não nos legou obra alguma de sua lavra. “Transmito, não crio”, era sua máxima; e tudo o que sabemos de seus pensamentos, é devido ao registro que deles se fez por seus alunos e discípulos.

Quando de seu surgimento na remotíssima antigüidade, provável era que o “Livro das Mutações” fosse um rudimentar sistema de oráculo, baseado no sistema binário do “sim” e do “não”. Às perguntas formuladas, obtinha-se como resposta ou um signo representado por uma linha cheia, sem cortes (___), a indicar uma resposta afirmativa à questão, ou uma linha entrecortada (_ _), significando uma sentença negativa. A propósito, não havia ideogramas nem textos de qualquer espécie que “explicassem” os tais signos, posto que bastavam por si só. Houve porém, com o passar das gerações, a necessidade de melhor diferenciar as tais linhas, razão pela qual foram primeiramente combinadas aos pares e em seguida em tríades, obviamente tornando seus significados algo mais complexo. A tradução britânica contemporânea do “I Ching”, feita por James Legge (“The Yi King”), acabou por cunhar o termo “trigrama” à reunião dessas três linhas, ou “hexagrama”, para a eventual combinação de dois “trigramas”, nomes esses que se mantiveram nas

traduções posteriores. Aproveitando o ensejo, atento aqui para a erudita tradução do sinólogo Richard Wilhelm, de 1923, mais tarde prefaciada por Carl G. Jung, em 1949, de longe o mais completo e aprimorado trabalho sobre o tema, até hoje editado.

Hipoteticamente, supõe-se que tenham sido o imperador Wen e seu filho, da já citada dinastia Chou, por volta de 1100 a.C., aqueles que primeiro acrescentaram aos “trigramas”, dos quais só se sabia o que genericamente representavam, alguma forma de texto poético a expressar os conceitos de sabedoria moral, evidentemente herdados da já milenar tradição chinesa, e que se perpetuaram ao longo das gerações, passando mais tarde, conforme o vimos, pelas mãos de Confúcio, que teriam garantido sua preservação. Mas vejamos então, feito este brevíssimo preâmbulo para melhor situar ao leitor historicamente o “I Ching”, alguma coisa de seu funcionamento prático, para daí tentarmos melhorar um pouco o já enunciado conceito de “sintonia”.

Certa vez, em minha clínica analítica, recebi uma paciente que chegou furiosa ao meu consultório. Estava irritada e com raiva incontida da situação profissional que enfrentava, visto que sendo ela uma destacada executiva, ao voltar de suas férias que fora gozar na Europa, encontrara outro chefe de setor, ocupando seu lugar na empresa. Algumas insinuações maldosas, segundo ela, haviam sido feitas sobre seu nome, o que influenciara seu superior a destitui-la de seu cargo, transferindo-a para uma posição de menor importância, nitidamente provocando um mal-estar que lhe fazia passar pela cabeça a idéia de ir ter com o presidente para assinar a sua demissão. Aflita, perguntava-me o que deveria fazer frente às calúnias que a estavam vitimando. Obviamente, já acostumada ao processo de terapia, sabia ela, não obstante sua ansiedade, que não teria de mim resposta alguma desse gênero esperado de aconselhamento. Seria grave o erro de minha parte se me propusesse a aliviar a angústia alheia dando palpites de circunstância; não só porque tais interferências no arbítrio de terceiros revelam-se mais adiante como experiências desastrosas, mas sobretudo porque é justamente nessas horas em que a consciência está atormentada com o mundo lá fora, que o mundo “de dentro” pode muitas vezes conseguir se manifestar como algo verdadeiramente vivo, decisivo e importante, amadurecendo assim o

relacionamento da razão com a instância inconsciente que costumeiramente lhe foge.

Pois bem, relatando que em suas férias, a título de “curiosidade”, fora ter com uma cartomante francesa, esta lhe teria de fato anunciado que “problemas” a esperavam em seu trabalho; e não podemos nos furtar de convir que nenhuma vidente agindo dessa forma possa errar, visto que não há trabalho no mundo que possa existir sem nos trazer uma série de problemas a serem resolvidos. Mas naquele episódio particular, as palavras da cartomante pareciam lhe martelar ainda mais a cabeça, como se ela tivesse mesmo adivinhado o futuro de sua vida. Absurdamente, chegou a cogitar pegar outro avião e seguir até Salon de Provence, aonde se consultaria uma vez mais com a mesma mulher a respeito do que fazer para acertar sua situação. Disse ainda que a tal vidente jogava as cartas de um baralho estranho sobre a mesa, somava o valor de alguns naipes, e com o resultado abria um tal de “I Ching” na página correspondente ao número encontrado. Além disso, em seguida, tomava-lhe uma das mãos e se punha a dizer tudo, mas tudo mesmo sobre a sua vida.

Sem querer apontar o quanto minha paciente, mulher de intelecto emancipado, responsável por decisões tão racionais no mundo competitivo dos negócios, estava tomada pela fúria da irracionalidade, a ponto de se deixar impressionar além do esperado por uma leitura de cartas que a princípio deveria lhe servir apenas como distração à sua “curiosidade”, optei por sugerir-lhe alguma coisa que pudesse lhe ajudar momentaneamente a conter sua “flogística”, e que ao menos baixasse um pouco suas guardas, já que daquela maneira ansiosa e nervosa com que se expressava, dificilmente perceberia qualquer movimento que não fosse sua ira. Sugeri-lhe:

-- Ora, nem se precisa ir tão longe para uma consulta ao oráculo. Tenho um “I Ching” aqui mesmo na estante do consultório, e se for de seu interesse consultá-lo, pode levá-lo consigo. Traga-o de volta na próxima sessão, e aí, conforme o hexagrama que obtiver, conversaremos... Mais importante que as palavras vagas de uma cartomante são as aproximações possíveis que uma consulta pessoal a qualquer tipo de oráculo podem fazer suscitar.

--Como assim, doutor, de quais aproximações está falando ?

--Daquelas que podem trazer você de novo a você mesma. A situação, aparentemente caótica, em que se vê enredada, pode ter infinitas possibilidades outras de leitura; a função verdadeira dos oráculos é apenas a de indicar novas portas, sem as quais muitas vezes nossos caminhos parecem estar mesmo sem saída. A propósito, se me permite uma opinião, nenhum poder se encontra no “I Ching”, nem na tal cartomante consultada, mas o oráculo, se corretamente visitado, segundo prega a tradição chinesa, nunca falha.

-- E como devo proceder para consultar o “Livro das Mutações”?

Passei à minha paciente neste momento algumas instruções simples de ordem técnica, que o leitor interessado poderá encontrar nas boas edições do “I Ching”. E completei:

--É importante que antes de proceder com a consulta tenha em sua mente de forma bastante clara a pergunta que pretende formular. Toda questão incorreta ou imprecisamente colocada já revela uma confusão quanto àquilo que se está buscando. Para que saiba se a pergunta está sendo proposta adequadamente, observe se ela já não encerra em si ambigüidades; há necessidade de que o espírito da questão esteja eivado por uma intenção reta e muito clara daquilo que se pretende alcançar.

-- E não há um tipo de ritual ou algo parecido para que se chegue ao ponto de se propor corretamente a pergunta?

-- Por certo que há, mas é perfeitamente prescindível! Os antigos o faziam sempre voltados para o sul, de onde entendiam vir a luz e a energia Yang. Yang está representado pelo lado sul das montanhas, sua face iluminada. O lado norte delas simboliza-se por Yin, cuja natureza é mais fria e obscura. Mas o fato de se estar mirando as terras de Yang, por certo isto suscita dentro de nós um ressurgimento de Yin, possibilitando à alma que perscrute suas paisagens, antes adormecidas pela falta do calor de Yang, que lhe complementa; mas isto é assunto para mais adiante em nossa terapia. Velas e incensos também eram usados para criar uma aclimação propícia à alma carente de luz e de fragrância; a vela representava a brevidade da vida, a temporaneidade de nossas existências, que se extinguem cada qual ao fim de sua cera; o incenso simbolizava a perseverança anônima com que se deve buscar as respostas, visto que queima todo o tempo com silenciosa nobreza,

purificando o ambiente em que se faz presente. Entretanto, o aspecto mais relevante disso tudo talvez seja que o “Livro” não deveria nunca ser guardado numa altura superior àquela de seu costumeiro consulente, e isto, diziam os chineses, era para evitar a adoração indevida das coisas, mesmo porque não é o “I Ching” quem responde às perguntas, mas sim a própria alma daquele que investiga suas escrituras. Enfim, todo este ritual, bastante simples e despojado, próprio do espírito chinês, no fundo servia mesmo como um recurso psicológico poderoso, a influenciar o mundo inconsciente dos investigadores interessados em escutar a dialética da vida, fosse por este ou por outro meio ritualístico.

Mas a sessão terminara; e eu, que esperava tranqüilizar um pouco aquela consciência perturbada, não fazia idéia do alcance que viria a ter aquele exercício de imaginação proposto pela consulta ao oráculo.

A paciente retornou ao consultório dali a uma semana. Estava, para minha surpresa, radiante. Contou-me que toda a situação no escritório havia tomado um rumo inesperado. Tão logo chegara em sua casa após a última sessão, intuiu que deveria meditar um pouco sobre a vida e o problema que enfrentava antes de entregar-se à tarefa de consultar o oráculo. Resolveu-se então pela questão que formularia ao “I Ching”: “Será feita justiça em relação à situação que enfrento hoje em meu trabalho?”

Obtivera, mediante o método de consulta simplificado que eu lhe ensinara, e que se vale de três moedas jogadas concomitantemente, cujas combinações entre “caras” e “coroas” nos permitem a montagem das seis linhas que nos servirão como resposta, o hexagrama de número 28 (ao todo há 64 combinações possíveis), denominado “TA KUO”, traduzido por Wilhelm como a “Preponderância do Grande”. Rogava o oráculo:

“A viga mestra cede a ponto de quebrar.

É favorável ter aonde ir.

Sucesso.”

“O lago sobrepassa às arvores :

a imagem da PREPONDERÂNCIA DO GRANDE.

Assim o homem superior não se aflige quando está só

e não se deixa abater quando deve renunciar ao mundo.”

Curiosamente, uma notável aproximação havia neste texto com a situação toda descrita pela minha paciente. Sendo pessoa de aguçada percepção, não pôde deixar de relacionar a “viga mestra” já a ponto de partir com sua queda decorrente da rasteira profissional que levava. Em relação às duas linhas seguintes entendia que sua transferência a outro setor da empresa poderia lhe ser estratégica até porque presumia que o termo “sucesso” pudesse referir-se ao seu futuro próximo. Não conseguira abstrair tão bem a imagem do lago e das árvores, mas as duas últimas linhas ao menos serviram para acalmar um pouco seu ímpeto, já que pregavam que se fortalecesse diante das adversidades.

Procurando ampliar um pouco nosso entendimento do hexagrama “sorteado”, sugeri-lhe que a presença do lago em suas linhas talvez dissesse respeito justamente à paz que deveria tratar de alcançar, uma vez que suas águas sempre tranqüilas, sem a correnteza que afeta os rios, inspiram calma, não se curvando tanto à mercê do vento como as copas das árvores que o rodeiam. O lago representa, não por mero acaso, acrescentei, o princípio feminino, expressando conteúdo e receptividade, indicações quem sabe da postura de espera momentânea que devesse tomar a consulente frente às vicissitudes dos últimos acontecimentos. Naturalmente úmido, absorvente e passivo, o lago esconde em suas águas o potencial da própria vida.

As palavras lhe causaram um certo ar de descoberta. Mas a leitura do “I Ching” não terminara por aí. O hexagrama 28, segundo indicações das moedas utilizadas em sua construção, permitia que uma segunda combinação fosse obtida a partir da primeira, levando-nos a uma configuração daquilo que entenderíamos por situação futura dos acontecimentos investigados, posto que até então tudo o que tínhamos nada mais era do que um “coincidente” retrato daquilo que já vinha ocorrendo, ou seja, do presente. Transformando certas linhas inteiras em linhas interrompidas e vice-versa, o oráculo nos levava a um novo hexagrama, fruto de mudanças ocorridas no primeiro, a ser tomado como indicação do porvir, conforme as regras do “Livro das Mutações”; daí a razão de seu nome, posto que o Universo chinês não está distante daquele de

Heráclito (540-470 a.C.), para quem tudo o que existe é mutável. “FU”, ou o “RETORNO”, em acordo com a já citada tradução, era o nome do novo hexagrama, de número 24.

Dizia o seguinte:

“RETORNO. Sucesso.

Saída e entrada sem erro.

Amigos chegam sem culpa.

Para adiante e para trás segue o caminho.

Ao sétimo dia vem o retorno.

É favorável ter aonde ir.”

Percebia nos olhos da paciente um brilho de satisfação. E ela se pôs a relatar os acontecimentos daquela semana com os quais eu ainda não estava atualizado, e que “incrivelmente”, segundo suas próprias palavras, vieram a se ajustar àquilo que “predizia” o oráculo.

Tão logo retornara à empresa, no dia seguinte ao de nossa última sessão, optou por manter-se pelo menos por 24 horas em compasso de espera, aguardando o desenrolar dos acontecimentos, assumindo a contragosto o cargo que lhe fora destinado. Dificilmente conseguindo conter sua raiva e decepção, estava prestes a pedir dali dois ou três dias a sua demissão, não o fazendo naquele momento apenas para que, intuitivamente, deixasse cumprir o signo de seu oráculo, “TA KUO”, que lhe pedia um pouco de paciência. Soube, em seguida, que o presidente convocara seu superior para prestar esclarecimentos quanto às mudanças de cargos e de pessoal que haviam sido feitas sem o seu consentimento, e que, desgostoso com o rumo das últimas atitudes tomadas pelo tal subordinado, exigiu que se restaurasse a antiga ordem, fazendo voltar tanto minha paciente quanto outros funcionários às suas habituais funções. Havendo certa demora e resistência por parte do tal diretor em restituir aos cargos os funcionários remanejados, e tendo sido o presidente avisado de certas irregularidades que se faziam notar no setor de compras da empresa, algumas simples investigações fizeram vir à tona certas transações comerciais não aprovadas, e junto com as mesmas, todo um esquema de corrupção a envolver o tal diretor que acabou por ser demitido

juntamente com o novo chefe, seu comparsa, que estava a ocupar o lugar de minha paciente. Entendeu-se, então, o motivo pelo qual fora caluniada, e os demais empregados em seu setor, “sem culpa”, conforme impressionantemente lhe previra o oráculo, vieram lhe prestar solidariedade, amarrados que estavam antes em fazê-lo, com medo de perderem seus empregos. Malgrado a miséria das relações humanas e a falta de apoio dos “amigos” nas horas mais difíceis, estava feita a justiça pela qual clamava em sua consulta ao “I Ching”, e passada exatamente uma semana desde nosso último contato, período este também citado na descrição do oráculo, deu-se o retorno ao seu cargo. Com a imagem pessoal agora limpa das calúnias que sofrera, provava da sensação de sucesso.

Não podendo simplesmente ignorar a riqueza desta experiência, com coincidências significativas que não só nos impressionam pela sua quantidade neste caso, mas sobretudo pela qualidade das mesmas, acabamos por nos curvar frente à evidência do conceito de “sincronicidade” proposto por Jung, com o qual bem abarcou a tal idéia da “sintonia” existente entre “todas as partes” do Universo concebido pelos chineses. A compreensão deste ponto nos será de todo útil mais adiante quando formos comentar os conceitos de saúde e doença segundo a concepção oriental. Os antigos gregos já se valiam do conceito de “Kairós”, que se traduz melhor por “tempo e/ou lugar convenientes”, para expressar a idéia de algo que não acontece por acaso, mas sim porque combina com toda a particular configuração da natureza à sua volta. Zóximo, alquimista grego do século IV, utilizava-se deste conceito para especificar o momento oportuno das mudanças, a coincidir com aquilo tudo que delas esperamos possa nos favorecer. “Kairós” seria o instante cosmologicamente propício para determinada ação humana “dar certo”, isto é, ser exercida de modo a contentar seu praticante, conferindo-lhe a impressão de vantagem. O “Cosmos”, ou seja, o “Universo sempre mutável e organizado” dos gregos, estaria repleto de eventos desta natureza oportuna, que se bem aproveitados levariam o homem à sua glória, posto que estaria agindo mediante sintonia com as leis naturais da própria vida. O grego Hipócrates (460-370 a.C.), pai da medicina, na antigüidade já pensava assim, valorizando a observação de todo o movimento da vida à nossa volta como forma de

melhor entender as respostas possíveis de nosso organismo, em termos de saúde ou doença, que eram dadas em “sintonia” com o “Cosmos”.

Não é outra senão esta a natureza do pensamento “científico” chinês, cuja lógica sem dúvida se encontra bem distante daquela do filósofo Descartes, pai de nosso racionalismo moderno, para quem, no século XVII, ao enunciar sua sexta regra para a direção de nosso espírito, propunha que “todas as coisas se podem dispor em séries”, de forma que só a partir de uma primeira é que se pode originar uma segunda, e daí por diante a terceira, a quarta, a quinta..., indefinidamente. Deste mesmo modo é que de Deus, “o absoluto absolutíssimo”, todas as coisas relativas se originaram. Logicamente, se compreendermos o Universo por esta ótica, o ponto B seria relativo ao A, que o precede, e ao mesmo tempo absoluto em relação ao C, que vem depois. Todos os fenômenos sem exclusão participam desta relação de causa e efeito; não se pode ter B, o efeito, sem a causa que lhe dê origem, o ponto A. Da mesma forma, B deverá ser a causa de C, mero efeito de outro efeito, e assim por diante. O que aqui parece ser simples, em verdade representa toda a forma estrutural do pensamento lógico ocidental, responsável pela construção de nossa avantajada ciência, a mesma que permitiu inventar computadores como este de que ora me valho para “digitar” este meu comentário. Mas a lógica chinesa, melhor dizendo, a maneira de entender as coisas segundo o pensamento oriental, à semelhança do pensamento pré-socrático, é totalmente outra.

Os 64 hexagramas do “I Ching” nada mais são do que 64 situações diferentes escolhidas pela sabedoria daqueles que codificaram tal livro, que, em concordância com a idéia mestra de que tudo é mutável na natureza, tentam representar consoante um número perfeito (8×8 , produto obtido pela multiplicação das imagens do “I Ching” por si mesmas), e em acordo com preceitos anteriores ao surgimento do próprio “taoísmo”, situações típicas que amiúde permeiam nossas vidas. A bem da verdade, para minha paciente, interessada em questionar o delicado momento da vida em que sua consciência sofria atormentada, a leitura de quaisquer dois hexagramas do tal livro, a representar respectivamente seu presente e seu futuro, servir-lhe-iam igualmente para um exercício de auto análise, que por si só começaria por confortar-lhe o espírito; o que reforça a idéia já exposta de que não é o livro

que nos oferece, mas sim a pessoa que encontra, as respostas procuradas. Para atingir, entretanto, este grau de discernimento a ponto de “saber ler” as imagens do “I Ching”, é necessário que estejamos num mínimo de “sintonia” com o movimento das coisas, e neste particular, acredito que lhe tenha sido proveitoso o tal período de meditação que sua intuição lhe pediu que fizesse logo antes da leitura, conforme me contou. Mas o que dizer então das incríveis coincidências como a da consulente encontrar um hexagrama que falava de uma viga mestra se partindo quando era ela própria derrocada de seu posto na empresa? E quanto à previsão de que no sétimo dia se daria o retorno dela ao cargo original? Ora, os textos do “Livro das Mutações” que acompanham os hexagramas são todos eles muito simples e simbólicos, absolutamente incapazes de dizer qualquer coisa com o mínimo grau de precisão a quem quer que resolva consultá-los; permitem, outrossim que sejam interpretados segundo uma subjetividade inesgotável, a partir de cada um de seus observadores. À guisa de exemplo simplesmente, tomemos outro hexagrama, o de número 60, ou “A limitação”, como se fosse esta a resposta à mesma questão formulada por minha paciente:

“LIMITAÇÃO. Sucesso.

Não se deve perseverar ao se exercer uma limitação amarga.

Água sobre o lago: a imagem da LIMITAÇÃO.

Assim, o homem superior cria número e medida,
examina a natureza da virtude e da conduta correta.”

Enfim, fosse este o texto selecionado e não o anterior, provavelmente minha paciente se impressionaria agora por poder se comparar ao lago descrito que, embora limitado por seu “conteúdo amargo”, já que a ela não cabia outro jeito de “saborear” a situação profissional, mandar-lhe-ia aguardar por uma melhora da presente conjunção, “examinando” tudo à sua volta, antes de tomar qualquer atitude mais precipitada como, por exemplo, pedir a demissão. Destarte, agindo assim, decorrido o mesmo tempo após a leitura, veria com satisfatória surpresa cumprir-se a profecia, sem sequer dar-se conta da aparente precisão cronológica de “sete dias” anunciada pelo oráculo anterior, que resta agora bem explicada como óbvia “coincidência”, já que

quando o “I Ching” fala em seus hexagramas do “sétimo dia”, refere-se, é claro, simbolicamente, a algo muito mais abrangente do que uma mera semana de nosso calendário, uma vez que procura representar pela dita expressão nada mais que um ciclo breve, com seu final a desembocar num concomitante recomeço, dando idéia de algo que se fecha e se completa, ao mesmo tempo que anuncia um novo ciclo em nossas vidas. Importante é deixar claro que nos sistemas oraculares, seja qual for a sua espécie, os 64 hexagramas do “I Ching”, as 78 cartas do Tarô, as 25 pedras das Runas etc..., o que vale são as abstrações que o consulente traduz de seu conjunto, não interessando se nos “saiu” esta ou aquela frase, carta ou pedra, até porque não se encontram nestas frases, cartas ou pedras nossa sorte ou destino. Admitir isto equivaleria a retirar de nós mesmos a escolha ou o arbítrio; o que, temos de convir, não é propriamente uma idéia saudável.

E o que responderíamos à crítica interjeição do leitor, que deve, dito isto, estar pensando: “Ora, se tanto faz este ou aquele hexagrama para servir-nos como oráculo, de que adianta todo o ritual preparatório para se fazer uma consulta? Além disso, por que deveríamos nos contentar com nossa resposta oracular, se todas as outras valem igualmente?”

Bem, aí é que voltamos ao conceito de “sincronicidade”, apropriado o bastante para compreendermos melhor a “lógica” oriental. O espírito oriental parece interessar-se não pela relação de causa e efeito existente entre as coisas, objeto do racionalismo, mas sobretudo pelos aspectos casuais, e não causais, que cercam os acontecimentos. Grande parte do esforço humano não estaria sendo desperdiçado se procurássemos saber menos o “porquê” das coisas e sim “como é” que elas se relacionam. Parte de nosso espanto frente às “coincidências significativas” da vida, consideradas por Jung como exemplos daquilo a que denominou “sincronicidade”, reside no fato de não estarmos no Ocidente acostumados a compreender os fenômenos que nos rodeiam como um todo único, a permitir qualquer tipo de relação entre suas “partes”, mesmo que nada tenham a ver com nossa lógica, e independentemente de nossas limitações temporais. Frente a um hexagrama do “I Ching”, os chineses costumam se perguntar em quais sentidos o texto lido se afina, isto é, mantém “sintonia”, com o momento de vida que vem sendo experimentado, pouco se importando com as hipotéticas razões que

explicariam as “coincidências”, às vezes quantitativa ou qualitativamente em maior ou menor grau presentes, e que porventura possam estar saltando à vista. Valem-se do “I Ching” menos como sistema oracular, e principalmente como livro de sabedoria transcendente. Adequadamente, preferem usá-lo como algo que lhes sirva para repensar o presente, único tempo que existe, sem vaticínios com os quais a preocupação se transporte para o futuro. À lógica do pensamento oriental, se é que podemos concebê-la, é do tipo analógica. A palavra que escolhi para mais ou menos representá-la vem do grego (“an” é um prefixo que expressa uma negativa; “a”, uma ausência; e a palavra “logos” quer dizer, dentre tantas coisas, “razão”); uma “analogia” exprime algo que é “não sem razão”, por conseguinte “com lógica”, mas não com aquela mesma que se quer negar, a lógica racional, estreitada pelo seu afã em descobrir as causas por detrás de todas as coisas. A analogia é muito mais rica que a razão, posto que permite estabelecer relações entre todas as coisas do Universo, desde que o observador de seus fenômenos assim o deseje, mediante parâmetros subjetivos, portanto pessoais, dedicados a avaliar e sentir o momento que se vive, independentemente das barreiras do tempo. Este é também o pensamento que permeia a astrologia, que estabelece relações profundas a partir do dinamismo e das qualidades atribuídas aos astros ou conjunções celestes, como inspiração para melhor refletirmos sobre a natureza humana, bem representando a sabedoria psicológica que os antigos já possuíam. Claro está que tal conhecimento se acha enormemente empobrecido pelo comum dos astrólogos de hoje, principalmente os de certa fama no mundo ocidental, que o descaracterizam ou mesmo não o compreendem, preocupados que estão em explicar nosso comportamento dado à influência que este ou aquele planeta exerce em certa casa de nosso mapa, apenas transportando para o terreno das previsões astrológicas a malfadada relação de causa e efeito. Prova disso são as freqüentes conclusões a que chegam certas pessoas de que seus casamentos não deram certo “porque” os signos solares dos cônjuges eram mesmo incompatíveis, ou que certa sociedade de negócios não vingou “porque” fulano tinha o Sol reforçando na casa 1 seu caráter individualista. O original pensamento astrológico, à moda dos primevos gregos e consoante a maneira de enfocar a vida pela ótica oriental, nunca valorizou estas assertivas eivadas de uma lógica

inconsistente demais, mesmo se considerada, nesses casos, no estrito âmbito cartesiano.

Portanto, respondendo às perguntas lançadas há pouco, digo que qualquer ritual de preparação para se consultar o “I Ching” não tem outro propósito senão o de aguçar nossos ouvidos aos murmúrios da natureza à nossa volta, e psicologicamente deve influir em nossa capacidade psíquica de leitura dos eventos sincronísticos que nos cercam. Nada impede, entretanto, que tais rituais sejam deixados de lado por todos os que já se acham treinados a habitualmente perceber a ligação existente entre o ser e as coisas, mesmo porque nesses casos, na vida dos indivíduos que assim procedem, o ritual assume ele próprio um caráter permanente, visto que todos os atos praticados detém um sentido sagrado, de respeito absoluto à vida, considerando o peso relativo de tudo e a inquestionável efemeridade da existência humana.

E quanto à questão seguinte, convém dizer que nenhuma resposta oracular vale mais do que aquela que nos faz perceber algum aspecto antes não observado, e que, portanto, ela é única, não devendo sequer ser trocada por outra ou desconsiderada; afinal, cada evento sincronístico é importante por si só; relaciona-nos ao mundo interno ou externo, e nos prende mais a cada vez que o percebemos, pelo tanto do significado que em nós assume, àquele sentido que insistimos em imprimir à vida.

E não obstante tenhamos assim constatado ser a razão humana instrumento incompetente para oferecer por si só uma resposta a este dilema universal, advindo da reflexão, se a vida tem ou não algum sentido, é que nos permitiremos realizar uma tentativa de aproximação com os conceitos do “taoísmo”. Atribui-se à lendária figura do sábio Lao-Tse, nascido em aproximadamente 570 a.C., e conhecido pela alcunha de o “Velho Sábio”, o poema “Tao Te King”, base de todo o pensamento taoísta e fundamento do “Livro de Medicina Interna do Imperador Amarelo”, o já citado “Huang Ti Nei Ching Su Wen”. Lao-Tse expõe o Tao por meio de 81 aforismos, repletos de paradoxos, forma talvez a mais apropriada para se transmitir as verdades, posto que o espírito chinês desde há muito já as assumem como algo contraditório, dado à relatividade que encerram. “O Tao do qual se pode falar não é o Tao”, roga o primeiro aforismo, de onde se deduz ser a natureza do Tao inapreensível, incapturável.

Não bastasse a dificuldade de estarmos entrando despercebidos nas terras do impalpável, logo acabamos por nos dar conta de que nem temos em todo o universo da linguagem ocidental palavra ou conceito que possa bem expressar o que venha a ser o Tao. O ideograma que o representa é formado por dois traços, um a indicar uma ação, “o caminhar”; o outro, isoladamente, poder-se-ia traduzir por “cabeça”. Reunindo-se ambos num mesmo conceito, há quem o traduza por “movimento contínuo”, “caminhar consciente”, “direção da vida”, “o homem em seus afazeres”, ou simplesmente “o caminho”. Curiosamente, nas línguas ocidentais, escassas são as palavras que expressem conceitos de difícil tradução, embora “Deus” seja uma delas. Daí o fato de muitos religiosos optarem por esse entendimento ao traduzir o termo “Tao”. Lao-Tse, já sabendo disso, completa seu primeiro aforismo, referindo-se ao Tao: “Os nomes que lhe podem ser dados nunca são seus verdadeiros nomes”.

Viver segundo os princípios do Tao seria, portanto, algo próximo de seguir pelo caminho da vida, buscando por meio das atitudes estar contribuindo para a realização do próprio Tao. Pressupõe-se que a realização seja plena se houver um direcionamento consciente de nossas atitudes, norteamento este complementado pela “iluminação” de toda “consciência” individual que se deixe levar neste “caminho” de ascese espiritual, mas nem por isso distante da realidade cotidiana, sempre a nos cobrar um compromisso com a vida. É onde se encerra um dos principais paradoxos pertinentes ao Tao, a envolver o conceito de “complementaridade” à consciência humana, que deva ser buscada em plano “acima” daquele em que ela própria se expressa. A ascese, se pensarmos assim, passa a ser o único caminho a viabilizar a “iluminação”, posto que sua experiência deva ser de natureza transcendente; entretanto, ela jamais pode ser tomada como um objetivo deste “caminho”; o Tao não pressupõe objetivos, ele simplesmente “é”. Além disso, a ascese pode muito bem fazer-se representar pelo cotidiano a nos cobrar indefinidamente escolhas e posicionamento frente à vida. Mas o complemento que se sabe deva existir, a “equilibrar” todos os anseios de nossa consciência, leva-nos a intuir o conceito de “naturezas opostas entre si”, mas que inevitavelmente se atraem, ou que pelo menos se completam, já que guardam

uma relação de afinidade uma com a outra. Conforme isso, roga o segundo aforismo do Tao:

“O ser e o não ser se complementam mutuamente,
O simples e o complexo se complementam em estrutura,
O grande e o pequeno se complementam em seu contraste,
O alto e o baixo se complementam em suas posições,
O som e o silêncio compõem a harmonia,
O passado e o futuro nos iludem quanto ao tempo.”

Esta é a “ciência” dos opostos, tão simples de ser expressa pelo espírito oriental, e ao mesmo tempo incabível na limitada lógica cartesiana. Imagino que a mente intelectual do Ocidente perca muito em não considerá-la, já que sua arrogância nem admite que nesta forma de expressão do pensamento possa haver filosofia. Mesma dificuldade nos resta quando tentamos compreender mediante a lógica à qual estamos acostumados, o universo onírico, repleto de símbolos inapreensíveis por qualquer maior arroubo de inteligência. Qualquer símbolo verdadeiro (do grego “sin”; junto, ao mesmo tempo; e “ballein”; lançar, atirar), por mais simples que seja, ocupa instância transcendente ao mero alcance da razão. Isto porque cada símbolo “lança”, à sua maneira, e “ao mesmo tempo”, conceitos diferentes que se somam, fundindo-se, mesclando-se, ora concordantes, ora discordantes entre si. Mas nenhum mal-estar passa a residir no mundo simbólico por conta de conceitos contraditórios que resolvam se misturar, formando um todo conceitual inteiramente inédito para o exercício da razão. De mesma espécie são os sonhos significativos, que, se nos “marcam”, fazem-no particularmente porque sobram indecifráveis às perguntas que provocam quando quer que “despertemos” de sua instância irracional. Daí dizermos que os sonhos sejam a linguagem cristalina do mundo inconsciente, cuja natureza profunda, amórfica e abrangente, jamais será integralmente captada pela pobre consciência. A propósito, tudo o que conseguimos nos lembrar de nossos sonhos, tão logo sofre a interferência do discurso que tenta resgatá-lo em narrativa, pela necessidade que há de expressá-lo sob uma forma inteligível, nada mais é do que uma colagem feita com os retalhos de um material irrecuperável em sua

íntegra; muito do que foi sonhado já se perdeu ao recobrar da consciência; parte dessa experiência onírica foi “sentida”, o que nos impede de transmiti-la com qualquer fidelidade; de outra parte é impossível sequer termos a memória; outro tanto, por envolver percepções sinestésicas, é inefável, e assim por diante.

Já que estamos tocando neste campo dos conceitos contraditórios, que ao mesmo instante possam ser entre si complementares, creio seja oportuno introduzir a idéia do “Tai-Chi”, cujo símbolo universalmente conhecido (.) é o de um círculo fechado, dividido ao meio não por um traço reto diametral, mas por uma “senóide” (curva em forma de “S”), a dar idéia de movimento e interação entre as partes. O círculo, forma apropriada para simbolizar o absoluto, aquilo que é perfeito e eterno, fechado em si mesmo, sem origem ou final, ao ser dividido pela senóide, possibilita-nos intuir a manifestação de duas naturezas distintas, cada uma delas designada pela metade de círculo que lhe cabe. Opostas, e ao mesmo tempo complementares entre si, cada uma dessas metades nada mais é que o reflexo da outra, ou a manifestação de seu inverso ou contrário. Curiosamente, e não poderia ser diferente, cada uma das partes traz dentro de si a “essência” da outra, que lhe é complementar; na metade clara da figura, há um ponto negro, ao passo que na parte escura, encontramos um ponto branco a contrapor o “outro lado”. Os antigos chineses depreendiam desse simples desenho a noção do dia e da noite, que indefinidamente se sucedem de modo a manter sempre viva a perenal dança da vida. Com base nisso, admitiam que o dia potencialmente já trouxesse em sua natureza a essência da noite e vice-versa, haja vista como um no outro se transforma, sempre de modo que não possamos de fato precisar o instante tão fugaz em que a “transmutação” ocorre. A aurora não seria menos este momento do que o crepúsculo, e ambos ainda assim não serviriam como bons exemplos da guinada, posto que a transformação é toda ela dotada de um dinamismo constante e sem igual, de modo a preservar sempiternamente o movimento. Seguindo o raciocínio, meio-dia ou meia-noite, pouco importa, não seriam momentos estanques, mas evidentemente “carregados” pelo menos com a “essência” do movimento de seu contrário, o qual não se pode nunca frear ou mesmo aniquilar, até porque, se fosse possível fazê-lo, daí adviria a morte do sistema como um todo. Blaise Pascal,

no XVII, deixou clara esta verdade em seus pensamentos: “Nossa natureza está no movimento, o inteiro repouso é a morte.” (“Pensamentos”, número 129).

Os taoístas também viam na representação do “Tai-Chi”, que se pode traduzir por “viga mestra”, a dupla polaridade da energia da vida a fundamentar todas as coisas. Atribuíram à parte branca a denominação de “Yang”, que Wilhelm traduziu por “estandartes que tremulam sob o sol”; e ao lado negro resolveram chamar “Yin”, que na mesma tradução significa “o sombrio”. Associou-se, em seguida, a idéia daquilo que é “positivo” ao lado da luz, e de “negativo” à natureza de “Yin”. Apenas à guisa de exercício, convém lembrar que esta nomenclatura sequer faz diferença alguma, pois em que pese a indiscutível tradução dos termos pelo sinólogo alemão, se resolvêssemos chamar “Yang” de negativo, ora, tudo o mais que restaria seria “Yin”, e sua espécie naturalmente passaria a ser positiva. A mutação, portanto, de que nos fala o “I Ching”, não é outra senão esta que ocorre permanentemente de “Yin” em “Yang” e vice-versa. Equivale à troca de polaridades, ao predomínio ora do primeiro sobre o segundo, enquanto durar sua força, alternado pelo crescimento daquela que lhe faz oposição, que acabará por transformar a segunda condição em dominante.

Valendo-nos disto como metáfora para compreendermos a relação entre consciente e inconsciente, interessa-nos observar o quanto o modo de viver ocidental exagera o valor de “Yang” em detrimento de “Yin”, instância melhor apropriada para simbolizar a vida inconsciente. “Yang”, o lado iluminado tanto das montanhas quanto do psiquismo, corresponderia ao intelecto; afinal, é Prometeu, na mitologia grega; assim como Lúcifer (do latim “lux”; luz; e “phoros”; portador, aquele que traz), no cânon cristão, que entregam aos homens o “fogo” da razão. A consciência, por princípio, é parte iluminada; mas o luminoso vem de dentro, do espírito, da alma. O inconsciente responde pelo conteúdo, a consciência pela forma; o mundo interior é desconhecido, e portanto perigoso, posto que encerra seus mistérios; o mundo consciente não chega a ser raso, mas sua preocupação formal com o pensamento cria demasiada sensação de segurança, por demais temerária, já que nos leva a imaginar que possamos um dia saber tudo sobre as coisas. É lamentável que esta unilateralidade a predominar no pensamento ocidental

eleja a consciência como palco dos principais acontecimentos da vida, como se o mundo todo girasse em torno do umbigo daqueles que se julgam sábios. Esquecer-se do mundo inconsciente, de certo modo também é morrer. Não é por acaso que sentimos imensa dificuldade em assimilar a cultura oriental, que vive a contrapor seus paradoxos ao nosso aparente saber seguro.

Por outro lado, chego a pensar que não deva ser à toa que o mundo viu desenvolver duas formas tão distintas de mentalidades ao longo de toda sua história da evolução do pensamento. Ocidente e Oriente representam, ainda que não o percebam, do ponto de vista da experiência humana, formas também opostas, mas complementares, de entendimento dos fenômenos da vida; é como se suas expressões maiores tivessem, segundo as características inerentes a cada um dos hemisférios, plenamente se diferenciado em “Yang” e “Yin”. Se esta imagem é cabível, posso presumir ainda com maior confiança que a sabedoria tenha mesmo seu berço no Oriente, até porque a configuração destes dois diferentes padrões de expressão corrobora o modelo taoísta que pressupõe duas forças sempre mutuamente interagindo. Há, sem dúvida, uma grande possibilidade de que a humanidade toda se beneficie desta variação existente quanto ao modo de compreender a vida; mas para isso é imprescindível que ambas as culturas estejam sensíveis àquilo que se passa do outro lado do muro dos castelos que erigiram. Não me sinto capaz, nesse momento, de sequer insinuar o que deva fazer o Oriente no que tanja a esse respeito, até porque presumo que o equívoco frente à vida, se é que há algum, seja de toda responsabilidade daquele ego que, por uma ou outra razão, passe a se considerar privilégio da natureza, julgando-se superior frente aos demais, o que, convenhamos, constitui-se num péssimo hábito do modo de vida ocidental.

Mas em se tratando deste doce mistério da vida, permita-me agora resgatar, julgando ser oportuna, aquela imagem do deus Jano, capaz de ver com suas duas faces tanto o começo quanto o fim das guerras. A metáfora amplia-se grandemente se entendermos esta divindade como uma aproximação encontrada na cultura clássica com a forma de pensar do Oriente. Jano não apenas emprestou seu nome ao primeiro mês do ano, janeiro, visto que regia os “começos”, como também passou a ser compreendido como o moto perpétuo da vida, uma vez que sendo o iniciador

de tudo, decerto tinha que estar “por detrás”, feito substância, de todas as coisas manifestas. Este seu caráter de onipresença por si só já nos permite associá-lo ao Tao, princípio mantenedor da vida com seu perene movimento; haja vista que seu nome, Jano, como dissemos, associava-se ao “caminho”, às vias públicas por onde circulavam as pessoas em seus afazeres os mais cotidianos. E viver a vida com simplicidade é seguir o Tao. Culminantemente, suas duas faces opostas remetem-nos à idéia do “Yang” e “Yin”, de cuja interação harmoniosa depende a riqueza natural da vida.

Esta troca entre “energias” distintas, “Yin” e “Yang”, constitui-se no ponto fulcral de todo o pensamento médico chinês, a permear os textos do “Huang Ti Nei Ching Su Wen”, ao longo de seus 24 livros, planificados em 81 capítulos. A autoria deste milenar tratado está atribuída, como o próprio nome da obra já informa, a Huang Ti, cujo nome, traduzido, seria o “Imperador Amarelo”. Huang Ti, personagem real e lendária, teria vivido e governado a China em aproximadamente 2700 a.C.; preocupado com a longevidade teria iniciado diálogos com Chi Po (Mestre Celeste), seu ministro e principal interlocutor; Gui Yu Chi, seu astrônomo; e com Lei Gong, um de seus discípulos, a respeito do porquê de sua gente estar morrendo por volta de uns 50 anos de idade, ao passo que os antigos sabidamente viviam cem ou mais anos sem perder a vitalidade. A discussão, a envolver “questões simples”, ou “o bom diálogo”, conforme se traduz a expressão “Su Wen”, restou mesmo imortalizada, compondo aquilo que os chineses entendem por “Nei Ching”, que se pode traduzir por “clínica médica”. Transmitido oralmente pelas gerações vindouras, os diálogos só vieram a ser escritos por volta do século III a.C., segundo apontam indícios arqueológicos, por Chun Yu Yi, nascido em 216 a.C., que dizia ter recebido os ensinamentos de seu mestre Yang Ching. Teria sido esta, presume-se, a primeira compilação feita originalmente em dezoito pergaminhos do referido tratado, “Questões Simples de Medicina Interna do Imperador Amarelo”. No século seguinte, seu conjunto teria sido dividido em dois volumes; nove manuscritos continuavam a compor o “Su Wen”, e os outros nove o “Ling Shu”, que se permite traduzir por “Portal Mágico”, destinado a explicar e ensinar a prática da acupuntura. A edição antiga mais referendada, porém, já é datada de 762 de nossa era, tendo sido reunida por Wang Bing pela primeira vez em 24 livros e 81 capítulos. O leitor atento se perguntará se é

coincidência o “Nei Ching” ter capítulos em mesmo número que os aforismos do Tao, ao que responderemos que não, já que 81 é produto de 9×9 , e consoante o próprio Tratado em seu parágrafo 113 : “A numeração perfeita se estende do 1 ao 9: 1 = céu; 2 = terra; 3 = homem. 3 multiplicado por 3 = 9, que é o número das regiões periféricas. O homem é composto de 3 partes (superior, mediana e inferior) que têm cada qual 3 pontos (céu, terra e homem) de observação (dos pulsos) que permitem: julgar as chances de sobrevivência, controlar as enfermidades, e harmonizar a pletora (o cheio) e o vazio a fim de eliminar as perversões.”

Durante a dinastia Song (do X ao XII d.C.), a propósito de evitar o desaparecimento deste sagrado livro, foi que Kia You solicitou aos sábios Pao Heng e Lin Yi que recuperassem na íntegra a obra de Wang Bing, o que tomou dez anos de trabalho ao longo dos quais foram retificados 60.000 ideogramas e refeitos 2.000 comentários, numa edição que se tornou pública no ano de 1056. O “Nei Ching” sofreu ainda, depois disso, outras pequenas alterações, até chegar, desafiando o tempo, às edições contemporâneas; com o advento da República Popular da China, tendo sido a medicina tradicional chinesa equiparada em grau de importância à medicina acadêmica ensinada nas universidades, fez-se por bem que se reeditasse em 1953 o “Nei Ching” de Wang Bing, desta vez novamente revisado e pela primeira vez trazendo seu texto dotado de pontuação.

Como dissemos, transpassa por todo “Nei Ching” a cosmovisão chinesa que situa o homem como intermediário entre o Céu e a Terra, agora escritos aqui com inicial maiúscula para ressaltar seu caráter de algo que tenha vida, como se fossem entidades. Apenas uma outra maneira de se imaginar o jogo da vida sendo jogado dentro do espaço “Yang-Yin”. Entre essas duas forças, e interagindo com elas, está o homem, testemunho vivo de que há duas presenças dentro dele; uma que é ela própria, ou seja, a presença (pode ser chamada plenitude, ou Yang); outra decorrente de sua ausência (o vazio, também considerado Yin). A saúde seria decorrente do estado de trocas permanentes entre essas duas energias; Yang, de polaridade positiva; e Yin, de polaridade contrária, negativa, que interagindo entre si espalhariam a “essência” desta sua relação por todas as “células”. E os chineses já concebiam essa idéia, a de algo diminuto que, sendo indivisível, impossível

portanto de ser quebrado ao meio, por isso mesmo trouxesse toda a força do Universo concentrada em “si mesmo”. Este ponto, filosoficamente falando, é Deus, já que encerra em si, toda a potência do Universo, que é absoluta e indivisível; mas para dar a idéia de Deus os chineses, por serem práticos, fazem poesia. Falam do Sol e do dia, e se lembram imediatamente das imagens da Lua e da noite. Descrevem a natureza observando o lago, a montanha, o fogo, a água, o vento e o trovão que se acham à sua volta. Intuem que todas estas imagens nada mais são do que diferentes manifestações da mesma essência percebida no jogo do “Yin-Yang”, o que, em outras palavras, quer dizer: movimento! Movimento este decorrente, sem dúvida, do jogo equilibrado dessas forças, “Yin” e “Yang”, presente sem excessos em toda condição dita saudável, mas nem por isso de todo ausente nas doenças. Para que haja saúde é preciso que este jogo de forças se distribua adequadamente por todos os órgãos, sistemas ou partículas. Da mesma forma, por analogia, os chineses entendem que o movimento penetre em todas as coisas. Isto permite com que a água apague o fogo ao se misturar com ele, tanto quanto pode o vento espalhar o fogo pela mata, alterando a vegetação das montanhas ou ribeirinhas, às margens de lagos que sofrem, em última análise, a ação do fogo. Já ao trovão, cabe a imagem, também poética, de ser “o primeiro filho”, aquele que surge da relação entre Céu e Terra, já que se faz ouvir nas alturas todas as vezes que o solo treme de medo a seus pés. Por esses exemplos, dão-se conta os chineses de que a vida é toda movimento, aquele mesmo que intuíram estar presente em cada célula. Se entendermos esse ponto de vista oriental, percebemos que o ser humano nada mais é do que um reflexo do Universo; o macro e o microcosmos se encontrando; e daí poderemos dizer que o Tao signifique não só uma concepção científica, cosmogônica da vida, quanto uma conduta a ser levada adiante, com retidão de intenções, ao longo de nossos caminhos. Além disso, a saúde estaria também submetida à harmonia que se estabelece entre o homem e todas essas variações climáticas acidentais.

Impossível não estabelecer relação entre esse “homem” da concepção taoísta, que se acha colocado entre o Céu e a Terra, como passagem entre “Yin-Yang”, e aquele outro de Protágoras (século V a.C.), que se coloca “como medida de todas as coisas; do ser para as coisas que são; do não ser para as

coisas que não são”. Também não é outra a noção do já citado mestre Pascal, a me permitir o prazer ocidental de buscar em seus pensamentos um “exemplo”, dentro do universo racionalista, a sustentar a visão proposta pelo Tao; e rio-me muito, à moda dos chineses, desta minha atitude paradoxal: “Afinal, que é o homem dentro da natureza? Nada em relação ao infinito; tudo em relação ao nada; um ponto intermediário entre o tudo e o nada. Infinitamente incapaz de compreender os extremos, tanto o fim das coisas como o seu princípio permanecem ocultos num segredo impenetrável, e lhe é igualmente impossível ver o nada de onde saiu e o infinito que o envolve”. (“Pensamentos”, número 72). E os chineses aprovariam a conclusão que vem a seguir, de que o homem está fadado a apenas perceber a aparência das coisas, nunca seu fim ou seu começo. Conhecê-los, seria possível apenas para o grau da divindade; e se esse grau pressupõe variedade, os romanos não estavam errados quando bem personificaram em Jano esta “ciência” dos opostos.

“Chi”, essência correspondente ao “prana” do hinduísmo, ou “pneuma”, “sopro” para os gregos, seria tanto a “emanação cósmica” universal quanto a “energia vital” de cada indivíduo, capaz de penetrar em cada célula e de insuflar os pulmões com seu ar da vida. No corpo humano, o “Chi” circula pelos vasos, diziam os chineses; e observem aí a idéia que para o ocidente levou dezessete séculos após o Cristo para ser aceita, a da circulação do sangue. Uma vez demonstrada pela ciência do inglês William Harvey, a teoria da circulação sangüínea logo contou com o aval da Igreja, que viu aí a comprovação de que o homem tinha alma, o que corroborava sua doutrina, fortalecendo sua influência sobre a “culpa” que as almas cristãs carregavam desde o instante em que nasciam, segundo a tese do pecado original. O mundo europeu, nessa época, volta a se apropriar de uma idéia dos antigos gregos, que Homero (cerca de 1040 a.C.) já fizera constar na Odisséia, a de que o sangue é um dos veículos da alma. Na Odisséia, canto XI, 36-37, lê-se: “O negro sangue correu; o que fez com que as almas dos mortos, levantando-se do Hades, a ele se juntassem”. Esta passagem narra o momento em que Ulisses, procurando evocar as almas dos mortos, em nome delas sacrifica uma ovelha e um carneiro, e pelo efeito deste sangue derramado, as almas, ao menos fugazmente, recuperam sua consciência. Some-se a isto a crença de

que os sacrifícios de sangue “devolveriam” ao cosmos perturbado, aquilo que as divindades, quase sempre por terem sido desrespeitadas, exigiam para que se restaurasse o equilíbrio, o sangue que lhes restituiria a “energia” antes “roubada”. Já o termo “alma”, provém do verbo “psykhéin”, a significar soprar, respirar, dando a entender que o segredo da vida seja mesmo o de algo que restará para sempre invisível e incapturável. A este alento, etéreo, que nos mantém vivos, em hebraico denomina-se “nephesh” e “ruarh”; em latim se designa como “spiritus”; e para os gregos se chamava “pneuma”, de onde procede a palavra pulmão. Coincidentemente, o chamado “Chi” celeste ou superior é aspirado e preenche primordialmente os pulmões, insuflando-os com vida.

A energia “Chi”, obviamente dotada de uma dualidade, acha-se espalhada por tudo, ligando todas as partes. De acordo com esta concepção, aquilo que está “dentro”, nem pode ser encarado como algo diferente de tudo aquilo que está “fora”. São apenas manifestações distintas de uma única energia. Em termos psicológicos poderíamos afirmar que a matéria, e tudo aquilo que se entende por psiquismo, não fazem entre si a mínima diferença. Oportuna brecha para se explorar a telecinesia, objeto de preocupação da parapsicologia. É “Chi” quem brinca pelas montanhas e circula pela natureza em completa liberdade: ao meio-dia, seu caráter “Yang”, que desde o alvorecer vinha crescendo em intensidade, começa suavemente a declinar, fazendo descambar para o poente seu agora já passado predomínio sobre “Yin”. À meia-noite, chega a vez de “Yin” ceder, e aquele que desde o crepúsculo vinha sendo ressaltado mais e mais, passa então a submeter-se, de modo a preservar o movimento cíclico que nunca envelhece.

Outra concepção fundamental desta profunda cosmogonia taoísta é a doutrina dos cinco elementos; segundo a qual Fogo, Terra, Metal, Água e Madeira se organizam de modo a garantir a mutabilidade de tudo no Universo. A “Madeira” alimenta o “Fogo” que, por isso, produz cinzas (a “Terra”); de seu seio será produzido o “Metal” que, por se liqüefazer, dará origem à “Água”, que por sua vez fará crescer a vegetação (a “Madeira”), levando-nos de novo ao começo. Tais elementos se submetem uns aos outros, de forma a operar o movimento sempre que quaisquer duas dessas naturezas se choquem; destarte a água predomina sobre o fogo, já que o extingue; o fogo domina o

metal, visto que sua ação pode dobrá-lo ou fundi-lo; o metal, por sua vez, é mais forte e mais denso que a madeira; esta, mais poderosa que a terra, retira dela as suas propriedades; mas por sua vez a terra absorve a umidade, predominando, portanto, sobre a água; o que fecha nosso ciclo. Deduz-se disso tudo que a “dominação” se faz dentro do espírito chinês de relatividade, até porque como poderia ser a água mais forte que o fogo, se este é dominante em relação à madeira que domina a própria água ?

A energia “Chi”, contudo, sempre a circular entre os elementos, percorre obviamente nosso corpo, onde os cinco se fazem presentes. “Chi” circula pelos vasos podendo ser sentido pela pulsação; aquece-se nos interstícios da carne e se condensa nas “fossas” do “Chi”, consoante é tratado este assunto no capítulo 58 do “Nei Ching”, que entende essas “fossas” como os “pontos” da acupuntura, em número de 365, tantos quantos são os dias do ano, sobre os quais serão aplicadas as agulhas. Os capítulos 56 e 57 tratam dos “meridianos” e de suas ligações, tidos como as “vias” por onde “Chi” vive a fluir. Consideram-se doze meridianos principais ou “regulares”, e admite-se que a energia “Chi”, tão logo capturada pela respiração, comece a circular pelo “meridiano dos pulmões”, cujo percurso termina nas mãos, onde se inicia o “meridiano do intestino grosso”. Este, segue à cabeça, onde vai fazer ligação com o “meridiano do estômago”, de particular importância, já que o órgão que lhe empresta o nome não é outro senão aquele que processa os alimentos, sendo passagem obrigatória de todas as “energias” que penetram no organismo. Este meridiano, ao terminar nos pés, estabelece continuidade com seu próximo, “baço - pâncreas”, que se dirige de volta ao peito para se encontrar com o “meridiano do coração”. Inicia-se então uma segunda volta a envolver outros quatro meridianos, o do “coração”, o do “intestino delgado”, o da “bexiga”, e o dos “rins”; que termina por levar mais uma vez a “energia” ao peito, viabilizando que o último ciclo se complete, a compreender os meridianos da “circulação sexo”, “triplo aquecedor”, “vesícula biliar” e finalmente o “fígado”, cuja extremidade retorna ao primeiro meridiano, o dos “pulmões”. Dois outros meridianos, considerados irregulares, e que recebem os nomes de “sistema nervoso” e “vaso da concepção”, completam o conjunto.

Em sua concepção, a medicina chinesa prevê que as doenças, as condições patológicas, estejam relacionadas à questões internas ou externas

em relação ao organismo adoentado, mas que invariavelmente estão a criar obstáculos à livre circulação da energia “Chi”, perturbando o jogo harmônico de forças entre “Yin” e “Yang”. Tal comprometimento, quer seja pelo excesso ou pela falta de uma dessas polaridades, quer seja por uma obstrução ao trânsito natural de “Chi”, traduz-se pelos fenômenos da “plenitude”, do “vazio”, ou das “estagnações”. O médico acupuntor deve estar sempre atento para dissipar as plétóricas, tonificar os vazios e, antes de tudo, desobstruir as estagnações.

Situam-se no universo das perturbações internas aquelas decorrentes das emoções ou sentimentos. Sete são os sentimentos capazes de romper a harmonia entre os órgãos e as vísceras: a alegria, a cólera, a preocupação, a mágoa, o pensamento, o medo, e o terror. Isto nos abre uma porta para pensarmos o quanto já era clara para os antigos chineses esta nossa noção de “doenças psicossomáticas”, que tendo sido aceita pela mente ocidental deste último século, estabelece ao menos uma ponte com a medicina oriental após quase 5.000 anos de abismo.

Os sete sentimentos têm o poder de influir diretamente sobre as vísceras, daí serem considerados os principais responsáveis por doenças cuja origem seja interna. Segundo o cânon chinês, “...seria temerário para um médico desconhecer o estado emocional de seus pacientes. Este seria o primeiro de seus erros” (“Nei Ching”, parágrafo 495). Cinco são as vísceras relacionadas, e portanto mais sujeitas a sofrer com os excessos dos temperamentos. A alegria, por exemplo, associa-se ao coração, e se muito forte pode obviamente matar; o pulmão está relacionado com a tristeza; os rins com o medo; o fígado, não poderia ser de outro modo, com a cólera; e o baço, com o pensamento. Os sentimentos, quando em excesso, podem revelar um desequilíbrio na circulação dos sopros. Mais grave que isso são as complicações dos estados afetivos instáveis, que podem descambar para casos sérios de apatia, por excesso de tristeza, a ponto de não deixar bem respirar os pulmões, desencadeando crises de angústia. Da mesma forma, aumentos desproporcionais de qualquer sentimento podem transformar-se em fogo, perigoso demais por queimar líquidos orgânicos e atacar o sangue, comprometendo a nutrição de todas as vísceras e principalmente a do coração. O fogo, ao atacar o sangue, gera as incômodas sensações de

inquietação, ansiedade, irritabilidade, insônia, taquicardia, boca amarga e outros sinais característicos das assim chamadas angústias vitais ou neuroses de angústia, malfadadamente denominadas de síndrome do pânico pela psiquiatria norte americana.

Já as moléstias de origem externa, salvo os traumatismos, são decorrentes do desarmônico relacionamento entre o homem e as intempéries que o cercam. São seis os fenômenos a perturbar externamente: o vento, o frio, o calor, a ressecação, a umidade, e o fogo. Evidentemente, considerando-se um organismo forte e saudável, este saberá aclimatar-se às mudanças externas, mas certas alterações climáticas mais agudas podem constituir-se em “sopros perversos”, capazes que são de penetrar no organismo pela pele, no nível das “fossas” do “Chi”, para em seguida levar às condições patogênicas as mais variadas. Estas seis intempéries tanto podem agir isoladamente, como seria o caso, a título de exemplo, de entender certas faringites, irritações de vias aéreas superiores, bem como as dores simples articulares ou da musculatura como decorrentes do excesso de “vento”; ou associadamente, como nos casos reumáticos, situação em que frio e vento atuam em companhia.

Outras afecções tampouco decorrentes de fatores internos ou externos são aquelas provocadas, por exemplo, por erros dietéticos ou intoxicação alimentar, ou por abusos das práticas sexuais; são doenças advindas também da fadiga, ou devido às picadas de insetos ou de animais peçonhentos, às parasitoses, e ainda às queimaduras.

O diagnóstico, apoiado por certo nos sintomas descritos pelo paciente, segundo a tradição oriental, busca-se fazer mediante a tomada dos pulsos; mas adverte o “Nei Ching” que estes podem variar à direita ou à esquerda em acordo com a época ou estações do ano, e também em relação ao sexo. Os pulsos podem ser tomados em diferentes posições sobre o organismo, havendo pulsos superiores, médios ou inferiores a serem examinados antes de se poder chegar a uma simples conclusão; além disso os pulsos “Yang” nos servem ao diagnóstico etiológico propriamente dito, ao passo que os pulsos “Yin” podem estabelecer conclusões quanto aos prognósticos das diferentes situações: “As proveniências das doenças, diagnostica-se por meio dos três

pulsos “Yang”; e o prognóstico se indica pelos três pulsos “Yin”(capítulo 19, parágrafo 107).

A arte da terapêutica consiste em saber traduzir o estado mórbido, considerando suas amplas características, e alterar as condições desarmônicas, buscando controlá-las e submetê-las novamente ao adequado fluir de “Chi”. Melhor do que ir contra as energias ou sopros perversos que estejam abatendo o organismo, é procurar restaurar adequadamente o movimento da energia “Chi” pelos meridianos. Prevenir as doenças, nessa perspectiva, ganha muito maior ênfase do que a atitude médica meramente curativa. Se no mundo ocidental, ambas as filhas de Asclépio, deus grego da medicina (Esculápio, para os romanos), já disputavam reivindicando cada qual para si o direito às glórias da saúde, sendo que Panacéia (a “medicina curativa”, à base de remédios) sempre esteve nesta história a levar certa vantagem sobre Higéia (a “higiene”, a medicina preventiva), visto ser ela a preferida de seu pai; ocorre que na medicina chinesa estes valores se alternam e seu caráter preventivo passa a ser valiosamente considerado. Prova disso era o fato de que os médicos chineses, responsáveis por cuidar de certa região, recebiam de seus pacientes pagamentos enquanto estivessem saudáveis, restando ao médico ele próprio arcar com as despesas dos tratamentos nos casos em que se diagnosticassem as doenças. Afinal, “...dedicar-se à medicina vem a ser ajudar o povo.” (capítulo 77, parágrafo 495). E o bom médico era aquele capaz de regular a circulação de “Chi”, condição imprescindível da saúde.

Variadas práticas serviam como ato terapêutico, fossem de ordem corretiva ou simplesmente mantenedoras da saúde. Ginásticas, exercícios respiratórios e massagens eram regularmente indicados, também uma espécie de fisioterapia centrada no uso de infusões quentes ou frias e banhos terapêuticos. As agulhas eram usadas como instrumento para agir sobre os 365 pontos corporais de modo a equilibrar “Yang” e “Yin”. A prática da acupuntura era a principal forma de tratamento das moléstias, tanto que a descrição de sua técnica ocupa metade de todo o “Nei Ching”, constituindo-se num livro à parte, já o vimos, denominado “Ling Shu”. Mas o “Su Wen” dedica capítulos inteiros à explanação de sua arte, como é o caso dos livros XIV ao XVIII, além de capítulos específicos que escolhem tratar de temas do gênero

“Acupuntura das lombalgias”(capítulo 41), “A acupuntura na malária”(capítulo 36), apenas para citar alguns exemplos. A moxa, outra técnica terapêutica, valia-se dos mesmos pontos energéticos para o tratamento, mas usava o calor como forma de estimulação. Sangrias também eram usadas, e o são até hoje em certas regiões. Havia ainda uma importante farmacopéia; “Shen Nung”, cujo nome traduzido é o “Cultivador Celeste”, personagem mítica associada à agricultura e à medicina herbárea, contemporâneo de “Huang Ti”, por volta de 3.000 a.C., teria escrito o “Shen Nung Pen Tshao Tching” ou “Farmacopéia do Cultivador Celestial”, classificando 365 remédios. Fica claro, porém, que, assim como o “Nei Ching”, este livro só mesmo tenha sido escrito muitos séculos mais tarde, por volta de 200 a.C. Extraídos dos três reinos da natureza, o “Pen Tshao” aponta 237 remédios de fonte vegetal, 65 de procedência animal, e outros 43 de origem mineral, sendo que o restante não pôde ser identificado. Desta época procede a nomenclatura de “drogas tóxicas”, usadas segundo doses específicas, ou “não tóxicas”, que poderiam ser tomadas em maior quantidade. Eram classificadas ainda segundo suas propriedades ou força, em drogas “soberanas”, que tratavam propriamente da doença; drogas “ministras”, usadas de modo a potencializar o efeito das primeiras; drogas “conselheiras”, com a função de reduzir sua toxicidade; e ainda as drogas “servidoras”, cujo efeito era o de dirigir melhor o uso das demais.

A prescrição de tais drogas será “ímpar”; por exemplo, uma droga “soberana” sozinha, ou ela somada a duas “conselheiras”, se estivermos procurando por “Yang” para aliviar sintomas viscerais de “Yin”, como seria no caso de uma hidropsia. Será “par” caso estejamos querendo uma ação “Yin”, a combater, por exemplo, mediante o uso de uma droga “soberana” e outra “ministra”, sintomas de natureza “Yang”, como seria se o caso fosse de febre e convulsões.

Após este longo comentário, que não pretende ser senão introdutório ao pensamento oriental, focalizado evidentemente sobre a cultura médica chinesa, espero estar certo de ao menos haver motivado o leitor, acreditando que este nem chegaria às linhas finais se não estivesse interessado em fazê-lo, a bater às portas daquele já antecipado Templo Sagrado que se faz representar pelos mistérios da sabedoria oriental. Escrevo estas últimas palavras cômico da importante contribuição que a “ciência” do Leste, com sua

iluminada devoção ao espírito de servir, tem prestado à humanidade ao longo de seus séculos e séculos de existência. E estaria eu próprio muito distante do espírito oriental se já não atentasse para o fato de serem estas as terras a partir das quais a humanidade toda se “orienta”, visto que é de seus horizontes que se levanta o nosso Sol, energia da qual depende nossas vidas.

Neste terceiro milênio da era cristã, imagino que a humanidade esteja ao menos começando a perguntar a respeito dos padrões muito semelhantes de funcionamento do Universo, curiosamente identificados também em nosso mundo psíquico. Há faculdades psíquicas que, sabidamente transcendentem à razão, restam sem respostas ao provinciano alcance de nossa psicologia acadêmica. Não quero nem de longe insinuar com isso que os fenômenos que não encontram explicações plausíveis dentro dos paradigmas clássicos da ciência ocidental, e neste grupo incluo o fenômeno telepático, a já citada telecinesia, as experiências ditas transpessoais, bem como os fenômenos da sincronicidade de Jung, sejam ocorrências de natureza sobrenatural. A parapsicologia explora timidamente este campo, insuficiente ainda que se encontra para preenchê-lo por falta de novos paradigmas que possam ser aceitos amplamente. Mas tudo acontece dentro de seu tempo, já dizia Zóximo. Aguardemos um pouco mais pelo “momento oportuno”. Observe-se a acupuntura, que esteve durante milênios proscrita da ciência ocidental, que considerava sua prática como algo supostamente mágico; hoje, esta mesma ciência vê-se obrigada a se curvar diante das evidências de sua eficácia terapêutica.

Presumo que as respostas comecem logo a chegar, dentro daquilo que roga a sincronicidade, quase todas ao mesmo tempo, a revolucionar os padrões de entendimento que fazemos da vida e do Universo em que vivemos. A física quântica está aí para fazer-se de arauto deste momento de mutabilidade “genética” por que passa a ciência. A parapsicologia será outra das vozes a proclamar esta mudança. Não quero transformar este meu “Comentário a Respeito da Milenar Prática da Acupuntura” num livro de profecias, mas segundo o próprio Tao, a única verdade do Universo reside no fato dele ser mutável, o que nos habilita a intuir quais sejam estas próximas mudanças, para o terceiro milênio aguardadas. Com certeza farão cumprir

também o seu papel na dança mágica do Tao. Mas por ora, só quem sabe delas é o contundente deus Jano, que nos acompanha pelo “caminho”.

Dr. Paulo Urban
E-mail: paulourban@ig.com.br